



A construção da “voz” da comunidade em dois documentários produzidos pela EPTV Campinas¹

Inaiana Felipe Vicentin²

Ana Paula Silva Oliveira³

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Resumo

Desenvolvido no grupo “Comunicação e Política” da PUC-Campinas, esta pesquisa tem como proposta analisar dois documentários produzidos pela EPTV Campinas nos anos 90. São eles: Canto da Piracema (1992) e Caminho da Roça (1996). Os principais objetivos são: entender o processo de construção da “voz” da comunidade nesses programas, refletir a respeito do gênero documentário na TV brasileira aberta e compreender suas especificidades como produtos de uma emissora regional que ganham destaque numa emissora nacional. Os procedimentos metodológicos de investigação são compostos por pesquisa bibliográfica e documental, análise de conteúdo dos vídeos, entrevistas semi-estruturadas com a equipe de produção e interpretação dos dados. O resultado aponta de que maneira a comunidade é representada nesses documentários.

Palavras-chave:

Sociedade da informação; documentário; comunidade.

Introdução

A televisão regional é aquela que retransmite seu sinal a uma determinada região e tem sua programação voltada para ela mesma, ou seja, à comunidade. Inaugurada em 1979, a EPTV Campinas⁴ busca imprimir uma marca à TV Regional por meio de informação, divulgação da cultura, entretenimento e atuação para e com a comunidade.

O diretor de jornalismo da EPTV, Ciro Porto (2007) define o termo comunidade como “para quem a gente faz a TV. Pois ninguém faz televisão para si. Você tem que fazer televisão para sua comunidade refletir os valores e a cultura de sua comunidade”. Também afirma que retratar os valores populares, históricos e culturais para o público que, às vezes, não os conhecia é, de fato, uma preocupação, pois a TV deve estar sempre voltada para temas que reportam às raízes culturais.

De acordo com José Bonifácio Coutinho Nogueira Filho, diretor da emissora:

Desde o início, nossa proposta foi a de procurar aliar a força das emissoras regionais à liderança da Rede Globo. Para isso, temos sido agressivos nos investimentos em busca da qualidade de serviços e

¹ Trabalho apresentado no III Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação.

² Aluna do 7º semestre da Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas e bolsista de iniciação científica (FAPIC/PUC-Campinas) Endereço eletrônico: inaiana_jornalismo@hotmail.com

³ Jornalista e Mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora da Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas e orientadora deste trabalho de Iniciação Científica. Endereço eletrônico: anaoliveira@puc-campinas.edu.br

⁴ Emissoras Pioneiras de Televisão (EPTV)



determinados no desenvolvimento de uma programação de conteúdo local, reforçando cada vez mais nosso vínculo com a comunidade. Ao longo destes 20 anos obtivemos uma certeza: estamos juntos da comunidade. Registrando sua história, vivendo as emoções do seu dia-a-dia e contribuindo para o seu fortalecimento. (EPTV 20 anos, 1998, p.7).

Para Antônio Carlos Coutinho Nogueira, também diretor da EPTV, o vínculo com a comunidade é enfatizado:

Hoje temos um grande orgulho ao verificarmos o crescimento quantitativo e qualitativo do nosso produto regional. Da elaboração inicial de simples telejornais, evoluímos para a realização de telejornais longos e consistentes, importantes programas regionais, esportivos, comunitários, sociais e conservacionistas e também produções especiais para o Globo Repórter com elevados índices nacionais de audiência. (EPTV 20 anos, 1998, p.9).

Como é possível notar nas citações acima, a preocupação com a comunidade mostra-se relevante para os diretores. Sendo assim, pretende-se por meio da análise dos documentários produzidos pela EPTV entender a maneira como a comunidade é representada nesses programas.

Os critérios de escolha dos documentários analisados envolveram a premiação na área de Jornalismo, no caso, o prêmio Líbero Badaró e a transmissão no Globo Repórter. Sendo assim, foi selecionado um documentário relativo à natureza e ecologia e outro que aborda questões históricas e sociais.

O documentário “O Canto da Piracema” (1992) trata do processo de reprodução de peixes. É considerado um marco para o telejornalismo regional, pois, pela primeira vez, uma afiliada da Rede Globo participou de um Globo Repórter. No mesmo ano de sua exibição, recebeu o prêmio Líbero Badaró na categoria Telejornalismo. De acordo com Jorge Pontual (1994), editor-chefe do Globo Repórter na época, o programa teve um recorde de audiência e alcançou o índice de 48 pontos, nunca atingido anteriormente.

O programa “Caminho da Roça” (1996), finalista do prêmio Líbero Badaró de Telejornalismo, mostra a cultura caipira no diálogo com as culturas erudita e de massa. Assim como o documentário anterior, também foi exibido no Globo Repórter.

Ao verificar como esses dois documentários da EPTV retratam a comunidade é possível um espaço de reflexão e análise a respeito da prática do jornalismo que envolve a comunidade e, ao mesmo tempo, que diz respeito a questões sociais.

Procedimentos teóricos e metodológicos



Em relação ao referencial teórico, foram analisados estudos que discutem a linguagem cinematográfica em diálogo com a televisiva, a relação entre comunidade e TV e o conceito de documentário. Nesse percurso, foi estabelecido um diálogo entre diferentes áreas do conhecimento como Jornalismo, Cinema e Sociologia.

No âmbito de Jornalismo, as discussões presentes nos manuais de Telejornalismo serão de extrema valia, principalmente no que diz respeito às questões da linguagem jornalística para a TV, das fontes de informação e do tempo dedicado a cada uma delas.

Do cinema, vem à contribuição dos estudos de Bill Nichols sobre a “voz” do documentário. De acordo com ele:

Por voz eu entendo algo mais restrito que o estilo: aquilo que nos transmite uma percepção do ponto de vista social de um texto, a maneira como nos fala ou como organiza o material que nos apresenta. Nesse sentido, voz não se restringe a um código ou a uma característica, como um diálogo ou um comentário falado. Voz talvez seja semelhante àquele padrão intangível formado pela interação de todos os códigos de um filme e se aplica a todos os tipos de documentários (Nichols *apud* De Grande, 2004, p.86).

A partir dessa definição, no processo de análise dos documentários foram levados em conta os seguintes critérios: a construção imagética (ângulos, enquadramentos, movimentos de câmera, cortes, imagens de arquivo, fotografias), o som (trilha sonora, narração, Bgs), cronologia dos eventos (tempo de duração do vídeo, dos planos, da fala das personagens) e os modos de representação do documentário.

Esses apresentam características diferenciadas a partir de sua postura metodológica diante da realidade abordada. São seis: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático. No entanto, não são puros e cada modo corresponde a uma maneira peculiar de representar o mundo. Nichols (2001) assim os define:

Esses seis modos determinam uma estrutura de afiliação frouxa, na qual os indivíduos trabalham; estabelecem as convenções que um determinado filme pode adotar e propiciam expectativas específicas que os espectadores esperam ver satisfeitas. Cada modo compreende exemplos que podemos identificar como protótipos ou modelos: eles parecem expressar de maneira exemplar as características mais peculiares de cada modo. Não podem ser copiados, mas podem ser emulados quando outros cineastas, com outras vozes, tentam representar aspectos do mundo histórico de seus próprios pontos de vistas distintos. (NICHOLS, 2005, p.135-136).

Os procedimentos metodológicos de investigação foram compostos por pesquisa bibliográfica e documental, análise videográfica e entrevistas semi-estruturadas que foram feitas com as equipes de produção dos documentários.



A execução do plano de trabalho foi iniciada em agosto de 2006 com esclarecimentos de dúvidas com a orientadora. Após a discussão, foram realizadas as leituras sobre a história da emissora, principalmente, o que diz respeito à produção de documentário.

Foi realizado, também, o primeiro contato com a emissora, no entanto, não houve uma pesquisa no próprio CEDOC⁵, conforme previsto, pois o mesmo possui apenas acervo em vídeo e não arquiva cópia de documentos que pudessem contribuir para o desenvolvimento desta pesquisa.

Juntamente com a leitura, fichamento e discussão do referencial teórico como Nichols (2001/2005), principalmente, a respeito do documentário, foram decupados na íntegra os vídeos para seleção e análise dos trechos considerados relevantes.

Além disso, foram feitas entrevistas semi-estruturadas com a equipe de reportagem responsável pelos documentários com o intuito de obter informações sobre o processo de produção e critérios de seleção de sonoras e imagens. Foram entrevistados os seguintes profissionais: Rosana Zaidan, responsável pela pesquisa, texto e edição dos documentários; Francisco Ferreira, responsável pela reportagem do documentário Caminho da Roça; Ciro Porto como repórter do documentário O Canto da Piracema e apresentador dos dois programas; João Duarte, responsável pela produção e direção e Mara Rubia Vieira, diretora responsável pelos dois documentários.

Foram concluídas as decupagens dos documentários e a seleção dos trechos, e finalizadas as análises dos documentários que teve o intuito de delinear como sua “voz” é construída e, dessa maneira, analisar de que forma a comunidade é representada.

O Canto da Piracema

O documentário O Canto da Piracema (1992) trata do processo de reprodução de peixes. Ciro Porto, que atuou como apresentador e repórter afirma que a idéia era justamente mostrar esse fenômeno, ou seja, a desova durante a migração dos peixes contra a correnteza, que ocorre uma vez por ano. Ele destaca que o vídeo conquistou esse nome, porque uma espécie de curimatá quando põe os ovos faz um barulho, por isso surgiu à intenção de gravar esse ruído, que para a equipe, se caracterizou como o canto da piracema.

Levamos seis a sete meses para produzir, aguardando cada etapa, ilustrando com muita gente, com toda sabedoria, conhecimento

⁵ CEDOC – Centro de Documentação da EPTV.

popular que existe na beira do rio e também com a parte científica que já era conhecida, das pessoas que fazem a desova em laboratório. (PORTO, 2007).

Rosana Zaidan, responsável pela edição, texto final e pesquisa explica que a idéia principal consistiu em contribuir para a documentação da realidade, porém, mais que regional brasileira. De acordo com ela, não há “nada mais universal do que o seu quintal”. (ZAIDAN, 2006):

A EPTV resolveu apostar no tema e fazer a radiografia do seu próprio quintal. Fomos documentar a Piracema nos rios Pardo e Mogi, numa das regiões mais industrializadas do país. Importante frisar que o Mogi havia sofrido grave acidente ecológico com derramamento químico, 20 anos antes. Pois flagramos a Piracema no nosso quintal e conquistamos o prêmio Libero Badaró de Telejornalismo.

Para a elaboração do pré-roteiro do vídeo documentário, Rosana destaca que foi intuitiva, e teve que realizar um curso com biólogos da USP. De acordo com João Garcia, responsável pela produção e direção: “O roteiro foi elaborado em cima das personagens, imagens e com a idéia de registrar desde o rio Grande, onde os peixes saem e sobem para as cabeceiras do rio”. (GARCIA, 2006).

Segundo Zaidan, a edição e seleção de imagens tiveram como critérios principais: a graça, o grau de interesse, a estética, a beleza e a originalidade.

O documentário custou, na época, 20 mil dólares. Atualizado hoje custaria em torno de 100 a 120 mil reais.

O Canto da Piracema abriu caminho para muitas produções sobre vida selvagem no Brasil, na Rede Globo. Com a intenção de mostrar a realidade e propor perspectivas, e assim contribuir jornalisticamente diante da situação ecológica dos rios e matas, o diretor João Garcia comenta sobre o principal objetivo do vídeo: “Primeiro de tudo em televisão tem que dar audiência. E audiência é uma contribuição histórica e científica a nossa realidade”. (GARCIA, 2006).

Ao contrário de João Garcia, a diretora responsável pelo vídeo documentário garante que o objetivo era criar um novo produto para a EPTV no sentido de sair do jornalismo diário, da mesmice:

Conquistar mais espaço no mercado, e como surgiu na grade de programação da Globo e pensou em fazer um produto alternativo não só telejornais, começamos a ter idéias e elencar uma série de temas, então aqueles que se empenharam mais, foram atrás de pauta, ou seja, aqueles que tinham uma idéia concreta e organizada, era aprovada. (VIEIRA, 2006).



A construção da “voz” em O Canto da Piracema

Nota-se no O Canto da Piracema a presença dos seguintes modos de representação: expositivo, poético e participativo.

O modo expositivo defende os argumentos para convencer o telespectador de que o conteúdo mostrado corresponde à realidade. Tem como destaque a objetividade e procura narrar o fato de modo a dar continuidade à argumentação. Por isso a idéia do dito e mostrado. Utiliza a voz da autoridade (também chamada “voz de Deus”) na primeira pessoa, o que aproxima o documentário do diário. Dessa forma, tenta persuadir o público de um determinado enfoque. “O documentário expositivo é o modo ideal para transmitir informações ou mobilizar apoio dentro de uma estrutura preexistente ao filme”. (NICHOLS, 2005.p.144).

Desde o início, as imagens sincronizam com o texto exageradamente e promovem, por vezes, um “casamento” forçado entre o dito e o mostrado.

A “voz de Deus” é evidente na entrevista do compositor Tom Jobim. Ele enfatiza que o rio é um riquíssimo sistema ecológico, dessa forma, cita alguns bichos que vivem nesse habitat, e logo em seguida aparece à imagem, por exemplo, no trecho: “...é tem jacaré, tem capivara, tem cobras que andam pelo rio, que nadam muito bem, tem macaco, gambá e muita vida, aves. É essa vida aquática...”(06:38 à 07:29).

O modo poético ressalta a subjetividade e se preocupa com a estética. Valoriza os planos e das impressões do cineasta a respeito do assunto abordado. Além disso, as legendas e a narração podem ter trechos de obras literárias, e as imagens são geralmente congeladas e em câmera lenta. “O modo poético tem muitas facetas, e todas enfatizam as maneiras pelas quais a voz do cineasta dá a fragmentos do mundo histórico uma integridade formal e estética peculiar ao filme”. (NICHOLS, 2005.p.141).

A presença desse modo, ao longo do vídeo, pode ser notada na seleção, combinação de imagens, trilhas e na valorização da estética do vídeo por meio da construção de alguns planos e movimentação de câmera que trazem imagens lentas e congeladas. As cenas da desova do peixe dourado relatam a euforia da equipe durante a gravação, a necessidade de filmar aquele episódio, enquanto as câmeras registram a reprodução utilizam o som ambiente e trilha sonora, uma vez que, finaliza com imagens mais lentas. (41:35 à 41:48).

Para fazer uma imagem do dourado e uma fêmea desovando, Ciro Porto (2007) conta que a equipe fez uma vigília de câmeras que aguardaram o fenômeno por diversos dias. “Gravar um animal como o pato, o pássaro é normal, mas gravar o comportamento



de um animal é muito difícil. Ainda mais o peixe reofílico que desova uma vez por ano. Eu só vi as imagens depois de gravado”.

No modo participativo, como o próprio nome sugere, há a participação marcante do repórter e da sua equipe. A presença do repórter é constante por meio de diferentes passagens, ora vestido de mergulhador, ora em meio aos peixes durante a piracema.

O repórter mergulha no rio e faz a passagem “Nós vamos agora fazer nosso primeiro mergulho no Rio Grande...” (09:38). Dessa forma, relata a sensação de aventura, de participação em todos os momentos da gravação.

A construção imagética os movimentos de câmera utilizados com frequência no vídeo são *travelling*: movimento em que a câmera anda sobre um trilho ou veículo em movimento; panorâmica vertical com vista superior: de cima para baixo e vice e versa; *Zoom in e out*: movimento de lente que aproxima ou distancia o objeto, alterando também a profundidade de campo.

O documentário inicia-se com imagens dos rios e peixes, e com uma narração, de que nas estações das cheias ocorre a piracema, ou seja, explica a época em os peixes desovam e nadam contra a correnteza. Logo em seguida, uma breve sonora do pescador sobre o canto da piracema. E ao longo do vídeo, aparecem vários movimentos de câmera *travelling* com o barco a equipe mostra toda região abordada.

São usados no documentário vários tipos de enquadramentos, como o Plano Geral: que pega todo o ambiente onde está o objeto da filmagem; Plano Médio: mostra meio objeto; Close: mostra parte significativa do objeto; Plano Detalhe: mostra detalhe de parte significativa do objeto; Plano Próximo: mostra um terço do objeto; Plano Americano: muito usado em Hollywood na década de 40/50, no entanto, mostra o objeto a partir de cima do joelho à cabeça.

Um personagem interessante no vídeo é um pescador que aparece cantando nas sonoras enquanto costura uma rede de pesca, no qual aparece às mãos e a rede, que são detalhadas pela câmera, e assim faz um movimento de baixo para cima, enaltecendo o ‘pescador cantador’. Dessa forma, mostra enraizada a figura e identidade do pescador (04:23). Outro exemplo, do plano detalhe é quando as câmeras registram os peixes.

Além disso, o cardume e todo o rio é uma mostra do plano geral. As sonoras de pescadores são mostradas por meio de plano médio; plano americano e plano próximo; O close da cabeça de um dourado que foi capturado depois de sobreviver oito anos no rio.

No documentário são utilizados fotografias e vídeos de arquivos. Como por exemplo: fotos de pescadores e o vídeo de índios sobre a piracema. E outro que documenta a piracema na cachoeira de Emas em 1954. Outro meio de informação que facilita a persuasão é o infográfico, pois é muito utilizado. De primeira para situar a região em que ocorre a piracema; outro exemplo é a interpretação do processo de reprodução do peixe.

A trilha sonora do Canto da Piracema foi composta pelo filho de Tom Jobim, Paulo Jobim, com a Orquestra Sinfônica de Campinas. Simone Guimarães, uma compositora local ajudou nos vocais e hoje é consagrada nacionalmente. O maestro Benito Juarez de prestígio internacional fez a regência. É visível o uso excessivo de trilha sonora, sendo que, o desce e sobe dos BGS ocorre o tempo todo. Além disso, predomina e valoriza o som ambiente das matas, rios e animais. Porém, a beleza em imagens, principalmente dos peixes no fundo do rio, junto às trilhas sonoras atraem o telespectador.

Basicamente, a análise da cronologia de eventos mostrou se pelo tempo de duração do vídeo em relação às sonoras dos entrevistados. É importante destacar que as comunidades representadas (no caso do Canto da Piracema, os pescadores) têm menos “voz” em relação aos cientistas. Em alguns trechos percebe-se que um pescador aparece durante 2” enquanto um cientista/biólogo aparece 33”. Em outro trecho do vídeo, uma moradora local aparece para falar da Piracema 1” enquanto um artista renomado consegue um espaço de 51”.

O encadeamento de entrevistas se dá por meio de pescadores e cientistas. Cada qual coloca a sua perspectiva diante do problema: As extremas dificuldades dos pescadores para sobreviver durante a Piracema, e ao mesmo tempo, a compreensão desse período. Já os cientistas explicam sobre o ecossistema, a importância dos rios para o bem estar do meio ambiente. Além disso, analisa o processo de reprodução dos peixes nos rios e nos laboratórios.

As sonoras têm um total de 360”, o equivalente a 6’ do vídeo de 45 minutos. Portanto, 13,3% do vídeo é feito de sonoras e outros 86,7% de narração e passagem do repórter. Os pescadores e outros personagens importantes da comunidade local tem um total de 153” e os cientistas, biólogos e artistas tem 207”.

Dessa forma, é possível afirmar que o espaço da comunidade neste documentário é restrito, visto que os seus interesses não são atendidos, uma vez que o cientista/biólogo e artista ocupam papel de destaque.

Caminho da Roça

O documentário *Caminho da Roça* (1996) retrata a cultura caipira em diálogo com a cultura erudita e de massa. Rosana Zaidan, responsável pela edição, texto final e pesquisa explica sobre o tema escolhido:

Resolvemos mostrar o que restava do Brasil Caipira, numa região cada vez mais urbanizada. Descobrimos os últimos caipiras, com sua cultura peculiar, seus valores herdados da mistura étnica entre portugueses e índios; a música, a comida, a religiosidade; a aventura do homem que nunca havia visto o mar e viaja de avião pela primeira vez para o Rio de Janeiro.

Ciro Porto, que atuou como apresentador, enfatiza que a idéia consistiu em encontrar o verdadeiro caipira, o matuto, o Jeca Tatu⁶ em pleno século XXI. De acordo com ele:

O caipira quando senta de calcanhar é um hábito indígena, é isso, vamos fazer uma pesquisa antropológica, e mostrar quem somos nós, mostrar as nossas origens, as origens do caipira. O objetivo foi esse. Eu não participei desse programa, mas nossa equipe conseguiu encontrar desde o matuto e ao mesmo mostrar que hoje quem mora na capital e não se considera caipira ou que nunca colocou os pés na roça, com certeza o pai pôs, ou o avô...(PORTO, 2007).

O *Caminho da Roça* também foi veiculado no *Globo Repórter* e ficou entre os cinco do ano indicados ao prêmio Líbero Badaró na categoria Telejornalismo. O repórter Francisco Ferreira lembra em detalhes como foi à sensação de ver a reportagem exibida em rede nacional:

Foi uma alegria muito grande, principalmente porque o especial foi exibido em meio às Olimpíadas de Atlanta, num horário não muito favorável, mas com audiência surpreendente. Se não me engano, 37 pontos. Outro fato interessante foi o gancho criado pelo presidente Fernando Henrique Cardoso. A respeito de uma discussão política, ele disse que o povo brasileiro era "muito caipira". A frase era o que precisávamos para a exibição do programa. O apresentador Sérgio Chapelin abria lembrando a frase presidencial e perguntava "Afinal, quem é o caipira?" (FERREIRA, 2006).

De acordo com Zaidan o roteiro do vídeo documentário também como o documentário citado no capítulo anterior, foi intuitivo e teve todo um trabalho de pesquisa antropológica e leitura de livros clássicos de Sérgio Buarque de Holanda e Darcy Ribeiro. Ainda, o repórter que participou conta sobre a execução do roteiro, ao destacar que “a elaboração do roteiro o trabalho de pelo menos quatro produtores levantando diversos aspectos, personagens, histórias do mundo caipira nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso do Sul”.

⁶ Jeca Tatu é um personagem criado por Monteiro Lobato em seu livro *Urupês*.

Para Francisco Ferreira, as maiores dificuldades durante a realização e produção do documentário, diziam respeito às condições de trabalho da equipe de reportagem em algumas localidades ermas do sertão brasileiro. Para acompanhar uma boiada com duas mil e quinhentas cabeças no interior de Goiás, precisaram entrar na rotina dos peões. Ele comenta que participaram de mutirões rurais em Natércia, no interior de Minas Gerais. E no sertão de Goiás, perto do município de Niquelândia. Talvez a principal dificuldade, era mostrar a rotina de uma comunidade isolada chamada "Acaba Vida", lugar sem estrada, sem energia elétrica, sem água encanada. "Enfrentamos longas caminhadas por trilhas para mostrar a dificuldade de sobrevivência das famílias", afirma o repórter.

Outro fato interessante vivenciado por ele durante a jornada é o de alguns familiares que se uniram para transportar uma máquina à gasolina para limpar palha de arroz. "O equipamento pesava duzentos quilos e era levado por um revezamento de braços incansáveis. Nossa equipe, carregando câmera, baterias e tripé, cansou bem mais".

Ao longo das filmagens, Ferreira comenta que, por causa do término da bateria da câmera, não conseguiram registrar uma das imagens mais tocantes da vida rural. "Um caboclo magrinho e elegante, foi carregado no colo pelo filho para atravessar um pequeno córrego. Era preciso pressa e cuidado para voltar, pois ao escurecer as cobras apareciam e, por isso, a necessidade de proteção ao pai".

Zaidan (2006) explica que a edição e seleção de imagens tiveram como critérios principais: a graça, o grau de interesse, a estética, a beleza e a originalidade. As dificuldades foram "jogar material fora". De acordo com ela, a equipe tinha material para realizar dois programas, no entanto, fez um só.

Diante da questão sociológica e o retrato do homem do campo, o repórter Francisco Ferreira (2006) comenta a principal contribuição jornalística: "O objetivo era mostrar quem é o caipira. Como foi formado este tipo brasileiro? Em que região do Brasil ele se estabeleceu? Qual o seu comportamento no mundo da tecnologia? O que permaneceu de tradição nos dias de hoje?".

No entanto, o convívio com a comunidade e a representação no documentário é relatado de acordo com os interesses da produção e equipe. Francisco Ferreira afirma:

Foi um convívio surpreendente. O fato de se fazer uma reportagem sobre o caipira, inevitavelmente, remete à figura do cordial brasileiro, do ingênuo, do homem puro e simples. Em grande parte isto é verdade. Mas em muitos momentos víamos o caipira desmistificado. Quando acompanhamos os tropeiros que conduziam duas mil cabeças

de gado ‘o outro lado’ se revelou em quase todos os personagens. Pra começar, a tropa era chefiada por um casal.

Em suma, o repórter vê a comunidade representada de uma forma diferente do que as pessoas estão acostumadas a ver na televisão, salienta:

Num primeiro momento, a comunidade é apresentada em seu estado natural, no seu habitat, com os usos e costumes típicos do caipira. E, num segundo momento, estes personagens são inseridos em uma realidade diferente do cotidiano a que estão acostumados. O velho pescador anda de avião pela primeira vez e vê o mar. O catireiro de Uberaba faz um desafio com a primeira bailarina do Brasil, Ana Botafogo. Roça e cidade se intercalam em diversas situações. (FERREIRA, 2006).

A construção da “voz” em Caminho da Roça

No Caminho da Roça estão presentes os seguintes modos de representação: expositivo, poético e participativo.

No modo participativo há a presença marcante do repórter e sua equipe por meio de diferentes passagens, ora em cima da mula, ora em meio aos caipiras em meio à roça.

O repórter em cima da mula faz a passagem falando do muladeiro. “O muladeiro é comerciante de mulas...” (32:28 à 32:52). Dessa forma, fica evidente a participação excessiva do repórter em todos os momentos da gravação.

Além disso, estimula a simulação junto com os entrevistados, que acabam virando atores de um fato que ocorre no meio da roça, a picada de cobra se for grave tem que sair de rede: “Isto é uma reconstituição que eles estão fazendo, mas essa cena acontece sempre”. (14:50 à 15:12).

No documentário o repórter busca legitimar a fala do entrevistado. No trecho do vídeo, onde é realizado o mutirão de Natércia, o repórter pergunta para o trabalhador rural se recebe algo pelo trabalho, o entrevistado afirma que não. Em seguida o repórter questiona intensificadamente se o trabalho voluntário vale à pena. (16:20 à 16:27).

No modo expositivo os documentários são narrados pela “voz de Deus”, ou seja, a voz que fala em nome do filme. A “voz de Deus” é mostrada na narração do repórter Francisco Ferreira, quando conta que em Santo Antônio da Alegria (SP) mora o 'boi véio'- um senhor que vive sozinho sem energia elétrica no meio da roça. Nesse caso, as imagens vão aparecendo de acordo com o que é dito pelo repórter, por exemplo, no trecho: “...os cães, os passarinhos e o rádio de são seus únicos companheiros...” (05:16 à 05:30).

O modo poético valoriza os planos e das impressões do cineasta a respeito do assunto abordado. Consta-se à presença desse modo, logo na abertura do programa,

quando o apresentador Ciro Porto cita um trecho da obra literária “Os Sertões” de Euclides da Cunha. “... o caipira simplório vai desaparecer”, (01:16 à 01:48). E durante a reportagem o repórter cita o escritor Monteiro Lobato considerado um dos criadores de um personagem popular da roça, o saci pererê⁷, (30:59 à 31:14).

A presença desse modo também pode ser notada na seleção, combinação de imagens, trilhas e na valorização da estética do vídeo por meio da construção de alguns planos. No entanto, o vídeo tem uma trilha sonora própria, como por exemplo, no trecho “No caminho do caipira, passa burro, passa trem, o progresso chega tarde, mas o dia sempre vem” (10:31 à 10:40). Outro exemplo é o trecho “O cururu é um sapo que tem veneno no papo e quando ele canta no brejo nenhum...”, (33: 39 à 33:56).

Um exemplo de Zoom in é quando é a grande boiada depois fica ao mesmo nível. Ao longo do vídeo aparece outro zoom, só que agora o zoom out do meio da mata abre para uma passagem do repórter. E depois, aparecem vários movimentos de câmera *travelling* com o carro de reportagem percorrendo o caminho da roça. As raízes daquela cultura são enfatizadas com a movimentação da câmera de baixo para cima, no qual é mostrado os pés do caipira em contato com a terra. Durante uma passagem do repórter a câmera posiciona de cima para baixo (39:08 à 39:19).

São usados no documentário vários tipos de enquadramentos e planos como, por exemplo, plano geral, plano detalhe e plano médio.

O vídeo mostra um personagem interessante, o cantador ‘Chico Louco’ de Santa Rosa de Viterbo, um dos destaques do programa por sua naturalidade e graça. Aos 70 anos, subiu pela primeira vez num avião. Fez o comandante repetir uma oração para garantir a segurança da viagem. Comentou com ironia os avisos de “apertar cintos” das comissárias. “Agora só ‘garrando’ com Deus!”, avisava. E se emocionou ao ver o mar pela primeira vez. Ele fez a ponte de todo o contexto do vídeo que era unir a roça com a cidade.

No documentário são utilizados fotografias e imagens de arquivos. Como por exemplo: fotos dos caipiras; e um vídeo que mostra o rastro dos bandeirantes; os engenhos do açúcar; a febre do ouro; alguns trechos de filme como Sinhá Moça e O Caiçara com a participação da atriz Eliane Lagé. Além de filmes do cinema brasileiro, principalmente em filmes com personagem Jeca Tatu, vivenciado pelo cineasta Amácio Mazaroppi.

⁷ Saci-pererê é um personagem bastante conhecido da mitologia brasileira que teve sua origem por meio dos indígenas da região de Missões, no Sul do país.

O documentário inicia-se com a sonora de dois caipiras com aproximadamente 6" com a gargalhada de outro caipira, e logo em seguida começa a passagem do repórter, que durante ela usa como meio de informação um infográfico que aparece para situar a região em que se encontra os caipiras.

A trilha sonora do Caminho da Roça foi composta por um compositor regional, José Márcio Castro Alves com a Orquestra Sinfônica de Ribeirão Preto. O maestro Roberto Minczuk de prestígio internacional fez a regência. Além disso, a cantora Inezita Barroso também pôs voz na trilha de Caminho da Roça. O documentário usa trilha sonora o tempo todo. Além disso, predomina e valoriza o som ambiente dos animais, da enxada, do capim, dos rios, da carroça, do carro de boi, do berrante e outros. Porém, a riqueza em imagens, planos ousados e às trilhas sonoras cantadas por Inezita Barroso atraem o telespectador.

Posteriormente, a análise da cronologia de eventos mostrou-se pelo tempo de duração do vídeo em relação às sonoras dos entrevistados. É importante destacar que as comunidades representadas (no caso do Caminho da Roça, os caipiras) têm menos “voz” em relação à narrativa do repórter. Outro detalhe é que em uma sonora de um lavrador é de 3" (36:52 -36:54) e uma atriz chega a ter um espaço de 12" (06:17 à 06:32).

As sonoras têm um total de 391", o equivalente a 6,58' do vídeo de 45 minutos. Portanto, 14,47% do vídeo é feito de sonoras e outros 85,53% de narração e passagem do repórter.

Considerações finais

A partir da análise, é possível afirmar que os documentários Canto da Piracema e Caminho da Roça não procuram retratar a comunidade de forma direta. A princípio os resultados da pesquisa eram positivos em relação à elaboração dos documentários em benefício da comunidade, porém, ao longo da pesquisa, fica evidente o real objetivo, que nem sempre é de interesse da comunidade⁸.

Dessa forma, cabe retratar que os interesses vão além da comunidade, pois existe um outro mecanismo que rege a produção de documentários na emissora regional, sendo assim, nos documentários predominam o casamento forçado entre o dito e o

⁸ Conjunto de pessoas com interesses mútuos que vivem no mesmo local e se organizam entre si.



mostrado e assim atraem, e ao mesmo tempo, mascara ao telespectador o real interesse da emissora: a audiência.

A comunidade representada no documentário, não é vista como ela é, e sim por meio de interesses do veículo de comunicação. Em termos, a mídia mostra a idéia de assistencialismo àquela comunidade, por desenvolverem eventos para este público. No entanto, quando o espaço é no documentário ele se torna restrito tanto nas falas dos entrevistados como na escolha das fontes de informação.

Observa-se que o repórter busca legitimar a fala do entrevistado. Assim o membro daquela comunidade só confirma o que é dito pelo repórter. Isso mostra que a comunidade não tem voz.

O objetivo proposto pela emissora em relação à comunidade se contradiz a partir da análise de ambos os vídeos, e se confirmam por meio do conceito de Nichols (2005) que aborda a representação da voz do documentário definida pelo documentarista no processo de produção, o que não se limita somente ao que é dito pelo narrador e/ou entrevistados, ou seja, a maneira como fala ou como organiza o documentário que apresenta ao telespectador.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**. RJ: Jorge Zahar, 2003.

BAZI, Rogério E.R. **TV Regional: trajetória e perspectivas**. Campinas: Alínea, 2001.

DE GRANDE, Airton Miguel. Documentário: um fazer com fronteiras movediças. In: **Sujeitos barrados: a voz do infrator em dez documentários brasileiros**. 2004. 258f. Dissertação (Mestrado em Multimeios) – Instituto de Artes – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

EPTV 20 anos. São Paulo: Klick, 1998.

MANUAL de Telejornalismo. Rio de Janeiro: Central Globo de Jornalismo, 1985. Globo.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas/SP: Papirus, 2005.

PONTUAL, Jorge. Reportagem e Documentário em Globo Repórter in: KAPLAN, Sheila; REZENDE, Sidney. Reportagem e Documentário em Globo Repórter. in: **Jornalismo Eletrônico ao Vivo**. Petrópolis: Vozes, 1994, p.95-105.



Entrevistas

FERREIRA, Francisco. **Histórico do documentário Caminho da Roça**. Campinas. Entrevista concedida a Inaiana Felipe Vicentin.

GARCIA, João. **Produção e Direção dos documentários Canto da Piracema e Caminho da Roça**. Campinas. Entrevista concedida a Inaiana Felipe Vicentin.

PORTO, Ciro. **Histórico do documentário Canto da Piracema e Caminho da Roça**. Campinas. Entrevista concedida a Inaiana Felipe Vicentin.

VIEIRA, Mara. **Direção geral dos documentários Canto da Piracema e Caminho da Roça**. Campinas. Entrevista concedida a Inaiana Felipe Vicentin.

ZAIDAN, Rosana. **Pesquisa e Edição dos documentários Canto da Piracema e Caminho da Roça**. Campinas. Entrevista concedida a Inaiana Felipe Vicentin.